



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

THE PICTURE OF DORIAN GRAY: IMAGENS DE HORROR NO CORPO

Tatiana Simões dos Santos*
(UESB)

Janaina de Jesus Santos**
(UESB)

RESUMO

Este trabalho toma os referenciais da Análise do Discurso e faz um entrecruzamento com cinema fantástico. Buscamos compreender a construção do sujeito transgressor à ordem moral e social, por meio de questões que permitam responder à problemática do amálgama entre elementos horríficos e discurso, no do filme *The Picture of Dorian Gray* de Oliver Parker (2009, Reino Unido). Assim, analisamos e evidenciamos os discursos que emergem no filme, o que possibilitou interpretar o sujeito transgressor constituído por discursos que apontam para o horrífico.

PALAVRAS-CHA

VE: Discurso. Sujeito. Cinema fantástico.

INTRODUÇÃO

O objetivo desse trabalho é investigar e evidenciar a construção do sujeito Dorian Gray nos discursos que emergem do filme *"The picture of Dorian Gray"* do

* Graduanda do Curso de Letras com habilitação em Língua Inglesa e suas Literaturas na Universidade do Estado da Bahia - UNEB; bolsista UNEB-IC/PICIN; participante do AUDiscurso/CNPq - Laboratório de Estudos do Audiovisual e do Discurso. E-mail: tatianasimoes1@hotmail.com.

** Professora Assistente da Universidade do Estado da Bahia - UNEB/DCH VI; líder do AUDiscurso/CNPq - Laboratório de Estudos do Audiovisual e do Discurso; coordenadora do Projeto "Discurso, subjetividade e narrativas fantásticas: práticas analíticas interdisciplinares/UNEB. E-mail: janainasan@gmail.com.



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

diretor Oliver Parker. Esses discursos serão evidenciados a partir das reflexões da Análise do Discurso de origem Francesa, mais precisamente com reflexões a partir de

Foucault e seus leitores que irão direcionar as análises. Dessa maneira, voltamos o olhar para o sujeito Gray como um lugar de visibilidade das transgressões, saindo da ordem social e moral em determinadas condições históricas.

A AD nos dá suporte teórico para identificar e analisar os discursos que atravessam o tempo e o espaço e constroem regularidades. Na perspectiva arqueológica foucaultiana, a materialização dos discursos perpassa uma luta entre discursos pela existência histórica. Eles determinam o lugar dos sujeitos para sua constituição. Os discursos que produzem o sujeito Dorian e suas ações dentro do filme aqui mencionado refletem os contornos da ordem da sociedade que permite dizer e mostrar determinadas práticas e não outras em seu lugar (FOUCAULT, 2007b). Essas regularidades são visualizadas nas condições de possibilidades e escolhas do diretor por uma estratégia e não outra em seu lugar, parafraseando Foucault (1987,31) o que coloca em foco uns discursos e não outros em seu lugar.

A subjetividade de Dorian Gray aparentemente contraditória e a sua forma de existir no mundo vai de encontro aos discursos moral e religioso, marcando-o por suas transgressões. Dorian se deixa levar por seus impulsos estéticos, misturados à curiosidade, à procura da beleza eterna, aos prazeres carnis e vícios, ao ponto de subverter o real, transformando o fantástico e horrífico em realidade visível no corpo.

Tomamos as reflexões de Foucault (1987, 28) a fim de investigar a construção do sujeito transgressor no filme dirigido por Parker, *The Picture Of Dorian Gray*, ao definir o objeto do analista, em *A arqueologia do Saber*, como:

(...) todo discurso manifesto repousaria secretamente sobre um já-dito; e que este já-dito não seria simplesmente uma frase já



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

pronunciada, um texto já escrito, mas um “jamais-dito”, um discurso sem corpo, uma voz tão silenciosa quanto um sopro, uma escrita que não é senão o vazio de seu próprio rastro.

Desse modo, o discurso não é dado como um produto, mas sim percebido por meio de elementos que se somam numa composição dita e mostrada. Ele está em movência entre outros e constitui sujeitos sempre em constante movimento.

A Análise do Discurso é um campo interdisciplinar, pois, é uma análise que envolve aspectos de diferentes lugares, considerando a linguagem em sua efetiva existência histórica, como confirmamos a partir de Fernandes (2008, p.61): “(...) à Análise do Discurso implica uma ruptura de paradigmas, pois seu objeto encontra-se constantemente em movimento, não é estático, e, não o sendo, implica movência de sentidos e deslocamento”.

Sendo o objeto da AD de natureza não estática, é necessário pensar a constituição da linguagem, dos discursos e dos sujeitos na contemporaneidade e levantar questionamentos sobre os procedimentos teórico-metodológicos para acompanhar esse desdobramento histórico dos novos objetos. O filme de Parker traz em si as condições de possibilidade do seu surgimento entre tantos outros enunciados, dando visibilidade à moral religiosa e social por meio do corpo de sujeito transgressor da moral Dorian Gray. Para tanto, tomamos os conceitos da Análise do Discurso de discurso e sujeito como construção mútua. Voltando ao conceito de discurso, Fernandes (2008, p. 13) faz ecoar a perspectiva do filósofo francês, em *Análise do Discurso: reflexões introdutórias*, ao dizer que “o discurso não é língua, nem texto, nem fala, mas necessita desses aspectos para existir como a língua precisa de seus falantes para existir, o discurso também necessita de elementos linguísticos para ter uma existência material”.

Nesse mesmo sentido, Fernandes (2008, p. 40) argumenta que “o discurso apresenta-se relevante para compreender as mudanças histórico-sociais que possibilitam a combinação de diferentes discursos”. Assim, vemos que a



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

constituição dos discursos está para além do nível da língua e da linguagem, pois engloba sua existência sócio-histórica para produzir sentidos.

Após apontarmos a concepção de discurso, voltamos nosso olhar sobre o conceito de sujeito para a AD, a partir de Fernandes (2008, p. 24): “não se trata de indivíduos compreendidos como seres que tem uma existência particular no mundo; isto é, sujeito, na perspectiva em discussão, não é um humano individualizado”, mas sim um sujeito construído historicamente através de instituições que os moldam e são moldadas, para que assim seja um elemento dentro da ordem.

Para falarmos do estudo do filme, temos que estabelecer uma conexão entre procedimentos teórico-metodológicos e discurso fílmico na Análise do discurso, como Santos (2011, p. 1508), assevera: “as estratégias cinematográficas materializam discursos, pois dizem/mostram gestos de posicionamento e saberes no tempo e no espaço”. Sendo esta abordagem eficaz para mostrar a historicidade situada no espaço e no tempo, coloca em evidência nas telas a existência social de sujeitos, de modo a exibir discursos materializados em práticas dos sujeitos.

Para Santos (2011, p. 1507), “Os filmes são, pois, produções históricas que materializam discursos, saberes de uma dada época na ordem do que pode ser dito/mostrado e o que será silenciado pela construção de verdade”. Essa ordem é que decide o que será mostrado/dito, como Betting (apud MILANEZ, 2011, p.36) diz: “a imagem é movimento, o movimento é a imagem exterior de nós e interior a nós. Exterior porque faz parte de uma cultura visual e não pode ser compreendida fora dela. Interior porque ela supõe uma memória do sujeito”.

Desdobrando as considerações discursivas, tomamos a premissa de que o cinema agiu como uma ponte entre o consciente e o inconsciente humano, onde a imaginação e a realidade estão bem ligadas de forma que às vezes é difícil diferenciá-las. Desse modo, o cinema se coloca na sociedade como um instrumento



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

de visibilidade de discursos e práticas historicamente situadas, como pretendemos delinear nas análises desenvolvidas.

Esse trabalho foi dividido em três partes que são: a coleta de dados e reflexão sobre os mesmos, a partir da identificação dos discursos presentes; a seleção e análise desses dados, considerando o objetivo de descrever e analisar os elementos horríficos visualizados nas sequências selecionadas; e, por fim, os resultados alcançados com as análises, a fim de investigar a constituição do sujeito horrífico na materialidade fílmica. Em um primeiro momento, será feito o resumo do filme analisado, logo após, a descrição das cenas selecionadas para evidenciar a construção do sujeito transgressor e por fim os resultados alcançados.

Refletindo a metodologia adotada, retomamos Fernandes (2008 p.64) ao asseverar que, para a AD, “teoria e metodologia são indissolúveis, ou seja só é possível se falar em metodologia envolvendo elementos teóricos”, pois o objeto tomado para análise pede a teoria para viabilizar a compreensão e estudo além de fornecer procedimentos metodológico para seleção e organização do *corpus*. No meu caso será visualizada a transgressão na materialidade do filme *The Picture of Dorian Gray*.

Basil Hallward é um artista que está muito impressionado com a beleza estética de um homem jovem chamado Dorian Gray e se sente atraído por ele, acreditando que essa beleza é responsável pela nova forma de arte. Basil convence o jovem a deixar que pinte um retrato seu. Enquanto andava pelo jardim de Basil, Dorian conhece Lord Henry Wotton, um amigo do pintor, e começa a ser cativado pela visão de mundo de Lord Henry. Henry expõe um novo tipo de moral hedonista, o Lord sugere que "a única coisa que vale a pena na vida é beleza, e a satisfação dos sentidos." Percebendo que um dia sua beleza se desaparecerá, Dorian deseja ter a beleza eterna. O desejo de Dorian está cumprido, enquanto ele permanece sempre a mesma aparência da imagem, a figura retratada por sua idade. Sua busca de prazer leva a uma série de atos de deboche e perversão, mas a

imagem serve como um lembrete dos efeitos de cada um dos atos em sua alma, cada pecado é mostrado na figura que se torna terrivelmente desfigurada e velha.

Voltando nosso olhar sobre as sequências selecionadas, tomamos os fotogramas retirados do filme para visualizar duas cenas do filme *The Picture of Dorian Gray*, como temos abaixo:



Figura 1. Dorian Gray diante do quadro.

No primeiro fotograma, vemos um cenário bem iluminado que evidencia os traços da face angelical do jovem. Temos um plano em profundidade que parece ampliar com o quadro duplicando a imagem de Dorian como fazendo reverberar a beleza para durar na continuidade do tempo. Há uma luz em primeiro plano que ilumina diretamente a face, que é o segundo ponto de clareza na composição do quadro.

Notamos os traços da ingenuidade de um jovem encantado por sua imagem tão bela e esplêndida em uma moldura que a eternizará. Ela será a testemunha de sua juventude e beleza, enquanto que seu corpo se deteriorará com o passar do tempo, deixando apenas lembranças de algo que já se foi. Nesse momento, aparecem os discursos sobre a beleza e a vida eterna. Desde os primórdios das civilizações, a beleza sempre foi vista como algo fundamental ao ser e também como poder encantador sobre os outros.

Podemos notar em sua expressão um certo horror, o medo de algo que não existe, mas que causa muitos estragos na alma de quem depende da beleza para reforçar seu poder num local de prestígio social. Tomamos os pressupostos da Literatura fantástica por meio de Lovecraft (2008, 13) que afirma que: “A emoção mais antiga e mais forte da humanidade é o medo, e o tipo de medo mais antigo e mais poderoso é o medo do desconhecido”. Sendo assim, o horror da velhice, o amadurecimento psicológico e físico e da morte levou Dorian a cometer as transgressões morais.



Figura 2. O retrato de Dorian Gray.

Na segunda cena, o retrato parece crescer e escapa do enquadramento centralizado e perpendicular que tínhamos na cena anterior. A materialidade fílmica é marcada pela escuridão que envolve o corpo do jovem e a ele se mistura. Vemos um retrato deformado, que evidencia o processo de constituição do sujeito Dorian no corpo e no quadro, por meio da tonalidade do retrato que escureceu como se estivesse num local totalmente sem luz.

O rosto do retrato é caracterizado como de um cadáver, podre e corroído pelos vermes que tomaram toda vivacidade do olhar e dos traços. Nesse mesmo sentido, a falta de traços de humano e vivo apontam para um corpo que sofreu práticas de descaracterização física. Somado a isso, tomamos o conjunto da



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

narrativa que aponta esse corpo como lugar de visibilidade de transgressões morais, como assassinato, corrupção de jovens etc.

Sobre esse corpo horrífico, tomamos as palavras de Milanez (2011,p. 44) “um conjunto de dispositivos materiais que desenham o monstro em sua compleição física, muitas vezes, refletindo no seu corpo exterior a imagem do sujeito interior”. Assim, as transgressões do sujeito Dorian levaram metamorfose: do ser angelical e dentro da ordem a um ser transgressor asqueroso como elemento da desordem, que deve ser punido a fim de reestabelecer a ordem.

Nesse mesmo sentido, fazemos eco a Milanez (p. 45): “o discurso se repete, sua ordem é implacável e que a liberdade do sujeito é um lugar sombrio desconhecido e que resta ainda a ser dito por muito tempo”. Considerando que o discurso não se mantém estável e a cada momento ele se desloca, se transforma e modifica os sujeitos dentro de uma regularidade em seu trajeto. Ela aponta como o sujeito se apropriou de sua condição de imortal e se fez dentro dela, e como também diz Milanez (2011, p. 43) “A monstruosidade é um tipo de silhueta que entrelaça o grotesco ao sujeito em um jogo no qual a imagem corporal acaba sendo o lugar da observação e materialidade de desejo e forma de saber”.

CONCLUSÕES

Neste trabalho, partimos da identificação dos elementos horríficos e dos discursos mostrados na materialidade fílmica, o que nos permitiu observar que o horror é estabelecido na duração do filme e nas estratégias cinematográficas, especificamente iluminação e enquadramento aqui estudados. Descrever e analisar os elementos horríficos visualizados nas sequências selecionadas mostrou sua dispersão marcada por práticas transgressoras no corpo de Dorian Gray.

No encadeamento dos elementos horríficos e discursos identificados, somados à análise das estratégias cinematográficas, vemos a constituição do sujeito horrífico na materialidade fílmica em um corpo que desenha a



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

monstruosidade moral na sua composição física. Vemos o retrato de Dorian: sujeito metamorfoseado, transgressor e monstruoso que desordena o discurso da moral.

REFERÊNCIAS

FERNANDES, C. **ANALISE DO DISCURSO**: reflexões introdutórias. Cleudemar Alves Fernandes. São Carlos: Ed. Claraluz, 2008. 2º ed. 112p.

FOUCAULT, M. **A ARQUEOLOGIA DO SABER**. Trad. Luiz Felipe Baeta Neves. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007a.

_____. **AORDEM DO DISCURSO**. Trad. de Laura F. A. Sampaio. 15 ed. São Paulo: Edições Loyola, 2007b.

LOVECRAFT, H. P. **O HORROR SOBRENATURAL NA LITERATURA**. Trad. Guilherme Linke. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1987.

MILANEZ, N. **DISCURSO E IMAGEM EM MOVIMENTO**: o corpo horrífico do vampiro no trailer/ Nilton Milanez. São Carlos: Claraluz, 2011.

SANTOS, J.A **MEIA-NOITE LEVAREI SUA ALMA**: investigações sobre memória nocinema de horror. Janaina de Jesus Santos/III Encontro Nacional de Estudos da Imagem 03 a 06 de maio de 2011, Londrina-PR. Disponível em:<http://www.uel.br/eventos/eneimagem/anais2011/trabalhos/pdf/Janaina%20de%20Jesus%20Santos.pdf>.